

oligárquica, deve ter “proporções de base”, para usar as palavras do próprio Pierre Chaunu.

A leitura de *L'Amérique et les Amériques* pressupõe muito conhecimento paralelo pois trata com familiaridade problemas estranhos sem ter a preocupação de explicá-los devidamente — o que constitui falha num compêndio. Veja-se como exemplo a citação de Martin Fierro. Sômente os leitores familiarizados com literatura argentina, ou casualmente informados, poderão reconhecer neste o protagonista de um poema épico que leva seu nome. **Martin Fierro**, para maior esclarecimento é de autoria de José Hernandez e é marcante como representante da classe dos gaúchos argentinos. O mesmo se diga para a citação de Carolina Maria de Jesus (representada como talento literário e não como depoimento de uma condição) para um leitor não brasileiro. Outra pequena falha, de ordem geográfica: atualmente Cochabamba é uma cidade da Bolívia e não fica “au Pérou” (pág. 97).

Quanto à bibliografia utilizada por Chaunu é bastante vasta e variada. A leitura de sua obra revela ademais a qualidade de observador atento e atualizado no que se refere a notícias historiadas em jornais e outros meios de divulgação popular. Não se sabe se Chaunu ignora a existência da coleção **História Geral da Civilização Brasileira** dirigida pelo professor Sérgio Buarque de Holanda, mas o certo é que esta não consta em sua bibliografia. Esta coleção, já aplaudida pelos meios culturais brasileiros te-lo-ia auxiliado muito na representação do papel do Brasil na História.

EDUARDO A. YÁZIGI

*

POLITIQUE D'AUGUSTE COMTE. Textes choisis et présentés par Pierre Arnaud. Paris. Armand Colin, 1965, 391 pp.

Ao intentar, através do seu sistema filosófico e político, estabelecer uma nova ordem social, exclusivamente baseada nas indicações da ciência, apontou Augusto Comte as diversas instituições que inevitavelmente estavam fadadas a desaparecer. E, com isto, mexeu em tantos centros de resistência que foi de todos os lados violentamente atacado, acabando cercado por um cordão de isolamento que ainda perdura.

Pretendendo acabar com a guerra, a exploração colonial e toda modalidade de imperialismo ou de opressão dos fracos pelos fortes, levantou, desde logo, contra o seu sistema, em sua própria pátria, a massa quase unânime da nação, apegada ao colonialismo a qualquer preço, como ainda recentemente ocorria no caso da Argélia.

Insurgindo-se contra Bonaparte e sua política retrógrada, confessando que, ainda menino, fizera votos para que os espanhóis expulsassem de seu território as tropas invasoras do Corso que se contrapusera a todos os grandes ideais da Revolução Francesa, teve

Comte contra si, a partir do domínio de Napoleão III, os corifeus da opinião pública de sua pátria.

Insubordinando-se contra as academias e as congregações oficiais de ensino, indis pôs-se ainda com todos os que as constituem ou as ambicionam, pois contra elas escreveu páginas tão duras e verdadeiras quanto as de Alphonse Daudet em seu admirável romance **L'Immortel**. Chegou mesmo a vulgarizar, para designá-las, o neologismo de Stuart Mill — “pedantocracia”.

Um exemplo dessa animosidade — para só citar um entre muitos — é indicado na advertência da terceira edição do livro de Alfred Espinas, **Des Sociétés Animales**. Ao ser o mesmo apresentado, como tese de doutoramento em 1877, à Faculdade de Letras de Paris, Paul Janet exigiu que o autor cortasse, na **Introdução**, as referências à filosofia de Augusto Comte, da qual, por medo de interferência das autoridades eclesiásticas, ninguém ousava então falar na Universidade. Não concordando, preferiu Espinas suprimir tôda a **Introdução**, o que foi aceito.

Denunciando os abusos do jornalismo e o absurdo de se tornarem mentores da opinião pública, debaixo do anonimato, indivíduos muitas vêzes sem os requisitos morais e intelectuais indispensáveis, indis pôs Comte contra si e seu sistema êsse tremendo poder que é a imprensa.

Visando, diante da emancipação teológica predominante em seu tempo, e decorrente do movimento intelectual do século XVIII, a substituir, em sua nova ordem social, Deus pela Humanidade e a teologia pela ciência, suscitou Comte enorme contingente de rancorosos e ativos inimigos — os **escravos de Deus**, como lhes chamava.

Ao afastar das cogitações científicas e filosóficas a metafísica, isto é, a pesquisa das causas primeiras e finais, e da suposta essência ou natureza íntima das coisas, ainda carregou contra o seu sistema todos os espíritos sedentos de infinito e absoluto.

Mais ainda.

Ao sustentar que na ordem nova seria a burguesia eliminada, o que significava uma verdadeira revolução política e social, também levantou Augusto Comte contra o seu sistema a animosidade operante dessa imensa classe que pretende dominar a sociedade através da chamada **democracia**, vivamente combatida e anatematizada pelo filósofo como sendo o regime de **exploração** e **opressão** do proletariado pelo pequeno grupo de burgueses bem falantes que se valem do sufrágio universal — essa “**doença social**” — para explorar a grande massa.

Possuindo um plano próprio para resolver a questão social, despertou ainda Augusto Comte o ódio pertinaz dos comunistas que consideram a solução do filósofo um paliativo que vem dificultar o **prevalhecimento** da solução mais rápida do problema proletário apresentada pelo marxismo. Pretendem êles sustentar ser a solução político-social de Augusto Comte mero expediente burguesocrático, tipo “**louis-philipard**”, esquecidos de que, para o filósofo, conforme

assinalamos, a burguesia não passa de uma classe transitória, inevitavelmente destinada a desaparecer, como, na realidade, vem, de modo dia a dia mais acelerado, desaparecendo...

Finalmente, por sua pretensão de fundar, fora da teologia, um sistema universal de educação, capaz de acompanhar o homem do berço ao túmulo, e ao qual denominou, prematura e inadequadamente talvez, **Religião da Humanidade**, Augusto Comte feriu sentimentos opostos, mas igualmente fortes: os dos crentes das religiões tradicionais, que viram na sua tentativa uma paródia sacrílega, e os dos defensores da ciência positiva, que a condenaram como uma deserção do espírito científico. E' o que salienta Devolvé em suas **Reflexões sobre o pensamento comtiano**, onde mostra que "os dois campos, entre os quais se divide o grosso do pensamento moderno, têm, assim, cada qual seus motivos para hostilizar o grande Inovador".

Dai tem resultado, na observação de Michel Uta, "um movimento anti-positivista feroz, que empreende a todo transe a destruição sistemática desse indispensável fator do pensamento filosófico de nossos dias".

Essa prevenção, entretanto, parece estar, pouco a pouco, desvanecendo-se.

Sustentando haver nos **Opúsculos** sociais de Augusto Comte "inesgotável fonte de idéias originais", Evaristo de Moraes Filho aponta-os como a fundamentação de grandes áreas da sociologia contemporânea e conclui registrar-se "uma volta a Comte na Sociologia atual. Os sociólogos cansaram-se da sociologia ultra-particularíssima de que andavam tratando, excessivamente preocupada com o detalhe a ponto de perder a visão do conjunto. A árvore não lhes deixava ver a floresta. Além disso, para que todo esse conhecimento, se não serve para reorganizar a sociedade e tornar mais ajustada a vida humana coletiva?" (1).

E' o que confirma o livro de Pierre Arnaud, **Politique d'Auguste Comte**, que a Librairie Armand Colin acaba de publicar em Paris em sua **Collection Universitaire**.

Assistente na Sorbonne, Pierre Arnaud é um profundo conhecedor da obra de Comte e faz a respeito um estudo completo, com a isenção e a tranqüilidade com que falaria de Descartes ou de Diderot, o que raras vêzes se verifica entre os escritores franceses.

Compõe-se o livro de Pierre Arnaud de uma apresentação muito bem feita de Comte e de sua obra, à qual são consagradas 43 páginas, e de textos precedidos de incisivos comentários, completados por notas elucidativas, tendo, como anexos, uma cronologia e uma bibliografia.

Os textos são tirados de tôdas as obras de Comte e compreendem três partes: "**A nova filosofia política**", "**A constituição da ordem social**" e "**O Governo normal**", abrangendo quinze capítulos onde são debatidos temas políticos e sociais de grande atualidade como,

(1). — Evaristo de Moraes Filho, "Augusto Comte e o pensamento sociológico contemporâneo", Livraria São José, 1957, pág. 14.

entre outros, a instrução popular, a falência da burguesia e suas “**lutas cada vez mais miseráveis, reduzidas quase sempre a vãs rivalidades pessoais**”, a crítica da economia política; a apreciação do trabalho, do salário, da propriedade, do comunismo e da justiça que lhe deve ser feita, da ditadura do proletariado e de sua incorporação social, etc., etc.

Considerando, com Alain, uma injustiça que, em França, ainda se leia tanto Proudhon e tão pouco Augusto Comte, Pierre Arnaud chega à seguinte conclusão:

“Quando o tórno em que o Marxismo mantém prêso o pensamento ocidental há mais de um quarto de século, fôr suficientemente afrouxado e o ceticismo, que começa a ganhar os homens e as instituições, chegar até aos dogmas, a “**Política Positiva**”, injustamente eclipsada, ressurgirá intacta e viva.

“Perceberão então os homens que a Ditadura do Proletariado não decorre mais logicamente do conjunto do passado humano do que a Sociocracia, e que o materialismo histórico não é um método mais irrefutável do que os princípios positivos da indivisibilidade humana e da convergência das séries.

“Irão sem dúvida mais longe, até reconhecer que de todas as ideologias políticas dos séculos XVIII e XIX, que continuam a alimentar a nossa civilização industrial, a “**Política Positiva**” permanece a menos utópica, a mais realista e é a que se encontra em melhor situação para servir de base à elaboração da grande doutrina conservadora que, até o presente, não foi esboçada senão pelo empirismo e pela necessidade” (2).

No começo do século, Léon de Montesquieu publicou, em França, um volume sobre a **Política Positiva** de Augusto Comte. Mas, os problemas que então preocupavam a humanidade eram outros. Além disto, os grandes sistemas políticos e filosóficos apresentam tamanha vastidão e riqueza que nunca se esgotam, oferecendo sempre novos ângulos. E o Positivismo — observa Roger Daval em sua “**História das Idéias em França**” — “é de algum modo polivalente, parecendo nôvo cada vez que sobre êle se projeta uma luz diversa”.

E’ o que prova o livro de Pierre Arnaud que não só apresenta novas faces sob as quais pode ser estudada a **Política de Augusto Comte**, mas ainda presta o enorme serviço de colocar, nos apressados e trepidantes dias em que vivemos, à disposição do leitor, textos bem escolhidos, perdidos em enormes volumes, pouco achadiços e de difícil leitura e manuseio.

O único senão que encontrei no livro de Pierre Arnaud foi uma nota à página 289, onde Augusto Comte se refere a “**um nôvo Frederico**”, aludindo a Frederico II da Prússia, e Pierre Arnaud, em sua nota, diz tratar-se do “imperador da Alemanha que se humilhou em Canossa”. Ora, êste, como todo mundo sabe, não se chamava Frederico, mas Henrique IV.

IVAN LINS

*

(2). — Pierre Arnaud, “*Politique d’Auguste Comte*”, págs. 41 e 42.